



ESPELHO, ESPELHO MEU

procedimentos empáticos em dança

Gilsamara Moura

Resumo

Este texto descreve a experiência artístico-pedagógica iniciada em julho de 2015 no Espaço Cultural Alagados, em Salvador-Bahia, cujas apresentações públicas do resultado estético aconteceram a partir de maio de 2016. Jovens que não tinham tido acesso à prática de dança ou que a praticavam de maneira informal e esporádica, junto à estudantes universitários do Curso de Dança da Universidade Federal da Bahia, puderam entrar em contato com a aplicação de saberes das ciências cognitivas que revelam potentes possibilidades de análise para o campo da dança. Estudos acerca da empatia, a partir de pesquisas sobre neurônios-espelho, auxiliaram o processo e a escrita deste e, conseqüentemente, a própria criação artística. Autores como Nöe (2004), Ramachandran (2014) e Iacoboni (2011) subsidiaram a elaboração deste trabalho, assim como, Najmanovich (2008) e Acaso (2015).

Palavras-chave

dança, neurônios-espelho, criação artística, Espaço Alagados.

Durante os últimos quinze anos, tive o enorme e maravilhoso privilégio de trabalhar com a relação entre dança, neurociências e ciências cognitivas. Desde meu Doutorado em Comunicação e Semiótica, na PUC-SP, tenho relacionado estudos prático-teóricos com várias experiências pessoais em sala de aula de dança, sejam por análises estéticas de obra artística, sejam pelas práxis diárias. A abordagem que apresento aqui, percorrerá elementos de análise da percepção visual e de processos empáticos em dança. Como nos percebemos? Como explicar as diferenças de aprendizagem de um gesto ou passo de dança em estudantes? O que desencadeia a imitação em dança? No que resulta? Como explicar fenômenos que acontecem durante um processo criativo em dança?

Longe de intentar responder a tais questões, o que me interessa partilhar aqui é como e o que tantas incógnitas mobilizam em nós quando nos movemos. Se quão maior for o contato com áreas do conhecimento que colaboram com a dança, se isso tem implicação prática no fazer dança, se alteram o aprendizado ou não, entre outras tantas reflexões. Minha hipótese é que certamente haverá implicações criativas se houver maior consciência dos processos cognitivos envolvidos.

Apresentarei aqui, a vivência artístico-pedagógica com um grupo de jovens, com e sem experiência em dança, que resultou em várias reflexões sobre verdades disseminadas em dança, equívocos didáticos comuns de serem encontrados, reiterações infundadas, enfim, diversos níveis duvidosos que têm sido espalhados como intocáveis e absolutos. Apenas como exemplo, quem já não ouviu a expressão? Faça, não pense. Noë (2004) nos apresenta a tese de que percepção, ação e pensamento não estão divorciados, que perceber é um modo de agir, que a percepção é ativa.

Cerca de vinte jovens, entre 13 e 25 anos, manifestaram interesse, a princípio, pelo estudo de balé clássico. Após alguns meses trabalhando qualidades de movimento associadas aos princípios da técnica de balé clássico, apresentei a proposição de montagem de um espetáculo que pudesse abraçar vários tipos de manifestação em dança, sob a temática do samba. E por que samba? Esta resposta é muito direta e óbvia: por terem contato cotidiano com a cultura popular escolhida. A decisão não abandonou, absolutamente, o desejo de praticarem balé clássico. E como fazer isso? Aproximando características da técnica com qualidades presentes no ato de sambar. Explico que essa ponte não é o assunto deste texto, porém a importância em citar tal possibilidade de aproximação faz-se necessária e atende a princípios didáticos presentes nas obras de FREIRE (1996) e ACASO (2015), por exemplo. Uma espécie de mescla rizomática que possibilita ideias que emergem de outras ideias criando um infinito rizoma de conhecimento. Como mediador, o professor estimula o encontro de saberes e promove possibilidades de atuação.

Uma questão que sempre se apresenta a mim em processos pedagógicos: como articular desejos distantes (como aprender balé) com práticas ordinárias (do samba), muitas vezes rarefeitas em sua disseminação na cultura.

Se, na verdade, o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fossemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a *escutar*, mas é *escutando* que aprendemos a *falar com eles*. Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, *fala com ele*, mesmo que, em certas condições, precise falar a ele. O que jamais faz quem aprende a *escutar* para poder falar com é falar *impositivamente*. Até quando, necessariamente, fala contra posições ou concepções do outro, fala com ele como sujeito da escuta de sua fala crítica e não como objeto de seu discurso. O educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala *com* ele. (FREIRE, p. 113: 1996)

Sendo assim, pude observar e analisar, durante todo o processo de aulas, montagem, ensaios e apresentação do espetáculo “O Samba Pede Passagem”, certos padrões que interessavam analisar à luz dos estudos que tenho feito dentro da Universidade. Nos últimos anos, tenho me aproximado cada vez mais das ciências cognitivas a fim de relacionar com aquilo que pesquiso, estudo e trabalho em dança durante toda a vida. Numa troca de saberes não hierárquicos, estabeleço possíveis aproximações e as analiso ou aplico em exercícios técnicos, compositivos e criativos.

Elenquei, dentre inúmeras possibilidades de abordagem, os processos empáticos implicados no fazer Dança e, especificamente aqui, no processo com os jovens estudantes de dança. Inicialmente, e durante algum tempo, sugeriu-se uma relação hipotética entre os neurônios-espelho e a capacidade de sentir empatia. Porém, pelo desconhecimento de muitas pessoas, começemos por uma breve descrição do que significou a descoberta dos tais neurônios-espelho (NE).

A descoberta dos NE data de 1994, por Gallese, Rizollatti e Fogassi, na Universidade de Parma-Itália e revela que a observação de ações alheias ativa as mesmas regiões do cérebro de quem as executa. Os NE estão associados à capacidade de aprender, desde um olhar até um passo de dança. Portanto, a qualidade da informação visual e da demonstração corporal são fundamentais. Os NE podem iluminar temas como cooperação, autonomia, solidariedade, empatia e será por conta da análise de procedimentos empáticos presentes no processo do grupo de dança de jovens de Alagados que este texto se apóia.

Todos nós possuímos neurônios no córtex cerebral que são ativados quando agimos. Mas também, quando vemos outra pessoa agindo. Algumas pessoas se sensibilizam mais, outras menos. Algumas se

colocam no lugar do outro, sentem dor ao verem outra pessoa sofrendo, se compadecem com a tragédia alheia, se alegram com o ânimo de outros, ou seja, naturalmente nos transportamos para a experiência do outro. Estudos revelaram que os neurônios ativados em situações como estas são os neurônios-espelho. E qual a importância destes neurônios? Primeiro, que eles devem estar envolvidos em coisas como imitação e emulação, porque imitar um ato complexo, requer que meu cérebro adote um ponto de vista de outra pessoa. E por que a imitação é importante? No fenômeno da cultura humana, considerando a evolução humana, por exemplo, a linguagem ou o uso de instrumentos ou a capacidade de interpretar o comportamento de outra pessoa, tudo isso se deu pelo aparecimento do sofisticado sistema de neurônios-espelho que permitiu imitar as ações de outras pessoas. E como há neurônios-espelho para a ação, há também para o tato. Se alguém me tocar, neurônios disparam no córtex somatossensorial, como os mesmos neurônios disparam quando apenas observamos outra pessoa ser tocada. Trata-se de um processo empático, neurônios da empatia, ou como Ramachandran os chama, neurônios Gandhi.

Vamos partir do aprendizado da dança em nosso estudo de caso. Observou-se que quanto maior o número de informações acerca de um passo ou sequência coreográfica e quanto maior conexão com algo habitual, seja uma memória, um desejo, um sentimento ou emoção, um cheiro ou imagem, maior probabilidade de conexão com as propriedades imitatórias envolvidas.

A cultura consiste em enormes coleções de habilidades complexas e conhecimento que são transferidas de pessoa para pessoa através de dois meios essenciais, linguagem e imitação. Não seríamos nada sem nossa habilidade meio *savant* de imitar outras pessoas. A imitação precisa, por sua vez, poder depender da habilidade unicamente humana de “adotar o ponto de vista de outrem” - tanto visual quanto metaforicamente - e pode ter requerido um desenvolvimento mais sofisticado desses neurônios em relação ao modo como estão organizados nos cérebros dos macacos. A capacidade de ver o mundo do ponto de vista de outra pessoa é também essencial para a construção de um modelo mental dos pensamentos complexos e intenções de outrem no intuito de prever e manipular seu comportamento. (Ramachandran, 2014: 157-158)

Pensando, assim, sobre a experiência artística que envolveu os jovens dançarinos, trabalhamos com proposições coreográficas que estimulavam os mesmos mecanismos envolvidos na observação acima relatada. Por meio de referências musicais e danças do repertório cotidiano de cada um, trabalhamos com aquilo que lhes era comum e, a partir desta relação empática, desafiávamos a todos na criação de novos repertórios que poderiam estar associados ou não com as matrizes

apresentadas. Sem discriminar se as propostas eram imitatórias de outras danças ou ritmos, ou se permitiam contaminações dos próprios colegas presentes, íamos selecionando pequenas células ou passos de dança por eles criados (ou imitados) e propondo organizações espaço-temporais que também demandavam a atuação ativa deles.

Outro fator relevante a ser apresentado é que, quanto maior o estímulo a partir de um procedimento empático imitatório, ou seja, ver e repetir algo conhecido de seu cotidiano (por exemplo, um passo de dança ou um ritmo de samba), maior era a resposta criativa para a geração de ressignificações.

Importante ressaltar que, no cérebro, há conexão dos neurônios-espelho com as áreas límbicas que se ocupam das emoções. Cientistas levaram algum tempo para entender se, anatomicamente, isso acontecia. Iacoboni (2008), após uma questão durante uma palestra, relata que havia dúvida a respeito disso, até que, após estudos, descobriu-se que a ínsula¹ (termo advindo do latim que significa ilha) apresenta padrão de conexões anatômicas em grande quantidade em nosso cérebro, inclusive nessa interação. Portanto, os fundamentos para justificar a existência de vínculos entre os sistemas neuronais da imitação e da empatia (neurônios-espelho) e os sistemas neuronais das emoções (sistema límbico) são sólidos.

En el fondo, ¿que es lo que los seres humanos hacemos durante todo el día? *Leemos el mundo*, en especial, a las personas con las que interactuamos. Mi rostro no luce mu bien en el espejo a primera hora de la mañana, pelo el rostro que está a mi lado en el espero me dice que mi amada esposa va a tener un buen comienzo. Una breve mirada a mi hija de 11 anos mientras desayunamos me indica que vaya con pies de plombo y que beba mi café en silencio. Todos hacemos docenas -cientos- de tales distinciones todos los dias. Eso es, bastante literalmente, lo que *hacemos*. (Iacoboni, p.13, 2008)²

Muitos pesquisadores estão empenhados em estudar as funções dos neurônios-espelho, assim como, se eles são inatos ou adquiridos, ou ainda, se eles estão envolvidos em processos de aprendizado conceitual e pensamento abstrato, além do motor. Sabemos que descobertas recentes como esta estão sujeitas a especulações científicas. No entanto, muito se avançou e evidências de que os NE desempenham um papel importante que nos permite imitar é incontestável. A imitação, como habilidade, significou um “passo-chave” na evolução:

é possível que a imitação tenha sido o passo-chave na evolução hominídea, resultando em nossa capacidade de transmitir conhecimento por meio do exemplo. Uma vez dado esse passo, nossa espécie fez subitamente a transição da evolução darwiniana, baseada em genes através da

seleção natural - que pode demandar milhões de anos -, para a evolução cultural. Uma habilidade complexa inicialmente adquirida por meio de tentativa e erro (ou por acidente, como quando algum ancestral hominídeo viu pela primeira vez um arbusto pegar fogo por causa da lava) poderia ser rapidamente transmitida a todos os membros de uma tribo, jovens e velhos. (Ramachandram, 2014: 175)

Como artista da dança e pesquisadora, o que de fato me motiva a compreender é o desejo de nos compreendermos, de compreender os processos imbricados do aprendizado e da criação em dança. Sempre tomada por questões, muitas vezes não respondidas, apresentei aqui uma experiência que tem me estimulado, atualmente, a refletir e analisar processos de construção de conhecimento que vêm corpo-a-corpo nas proposições quando se tem acesso à informações desta natureza. Entendo que, ao trabalhar tais informações com jovens estudantes de dança, eles sejam capazes de retraduzir, ressignificar e reexpressar linguagens e gestos diferentes daqueles que comumente realizam. Certamente, o efeito da ação do outro no outro ou da ação do outro em mim, tem relação direta com o afeto. Não é qualquer pessoa que escolhemos para dançar junto. Estão relacionadas com a eficiência e coerência daquilo que almejamos.

Fazendo alusão à frase do conto “Branca de Neve e os sete anões”, espelho, espelho meu, revela mesmo que, em situações de aprendizado por espelhamento, temos a favor mecanismos naturais que favorecem, ora mais, ora menos, processos empáticos que, por sua vez, favorecem a troca de saberes. Empatia é um de nossos traços mais admiráveis e um dos pilares da cognição social. E os neurônios-espelho são mecanismos que reforçam quanto são fundamentais na maneira como vemos as pessoas no mundo. Quem sabe podemos nos perguntar: Espelho, espelho meu, que tipo de transformação estou gerando com meu viver?

Notas

- 1 O córtex insular é uma região do cérebro que fica escondida no sulco lateral, entre o lobo temporal e parietal, dividido em duas regiões anatomicamente distintas a insula anterior (ou frontal) e a insula posterior.
- 2 No fundo, o que é que nós, seres humanos, fazemos durante todo o dia? Lemos o mundo, em especial, as pessoas com as quais interagimos. Meu rosto não parece muito bem no espelho à primeira hora da manhã, mas o rosto que está ao meu lado no espelho me diz que minha amada esposa vai ter um bom começo. Uma breve olhada em minha filha de 11 anos enquanto tomamos café-da-manhã me indica pisar em ovos e que eu beba meu café em silêncio... Todos fazemos dezenas, centenas de tais distinções todos os dias. Isso é, literalmente, o que fazemos. (tradução nossa)

REFERÊNCIAS

- ACASO, María. rEDUvolution: hacer la revolución en la educación. 1a. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Piados, 2015.
- DEWEY, John. Arte como experiência. São Paulo: Martins Martins Fontes, 2010 (Coleção Todas as Artes)
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- IACOBONI, Marco. Las neuronas espejo: empatía, neuropolítica, autismo, imitación o de cómo entendemos a los otros. Madrid: Katz Editores, 2011.
- MOURA, Gilsamara. Dançar como bocejar, contagia! in Põe o dedo aqui: reflexões sobre dança contemporânea para crianças. Organização de Georgia Lengos. São Paulo: Terceira Margem, 2007.
- _____. Texturas afetivas na dança de Cunningham e de Paxton in Sobre a Pele. Imagens e metamorfoses do corpo. Organização de Flávia Regina Marquetti e Pedro Paulo A. Funari. São Paulo: Intermeios; FAPESP, Campinas: UNICAMP, 2016.
- NAJMANOVICH, Denise. Mirar con nuevos ojos: nuevos paradigmas en la ciencia y pensamiento complejo. Buenos Aires: Biblos, 2008.
- NOË, Alva. Action in perception. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 2004.
- PIRES, Gilsamara Moura Robert. O corpo da multidão aprende a se comunicar: políticas públicas para a dança em Araraquara de 2001 a 2008. 213 páginas. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.
- RAMACHANDRAN, V.S. O que o cérebro tem para contar: desvendando os mistérios da natureza humana. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

Biografia

Artista da Dança. Doutora em Comunicação e Semiótica (Políticas Públicas em Dança). Mestre em Comunicação e Semiótica (Literatura e Dança). Professora da Escola de Dança da UFBA. Atualmente, é coordenadora artística da Escola de Dança/UFBA. Professora do Programa de Pós-Graduação em Dança e Artes Cênicas/UFBA. Diretora e bailarina do Grupo Gestus. Idealizadora da Escola Municipal de Dança “Iracema Nogueira” e do projeto Gestus Cidadãos, em Araraquara-SP. Professora convidada do Impulstanz- Vienna Internacional Dance Festival, 2012 e 2013. Desenvolve atividades em ensino, pesquisa, criação e curadoria em dança.